

Identidade cromática de um ambiente urbano em Natal-RN, Brasil

Chromatic identity of an urban environment in Natal-RN, Brazil

DOI:10.34117/bjdv7n8-694

Recebimento dos originais: 07/07/2021

Aceitação para publicação: 02/08/2021

Lorena Gomes Torres de Oliveira

Mestre

Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa
Endereço: Rua Sá Nogueira, 1349-063 Lisboa, Portugal
E-mail: lorenagomestorres@gmail.com

Rita Assoreira Almendra

Doutora

Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa
Endereço: Rua Sá Nogueira, 1349-063 Lisboa, Portugal
E-mail: rita.a.almendra@gmail.com

RESUMO

Este trabalho revela a identidade cromática de um ambiente urbano na cidade de Natal-RN, Brasil, além de apresentar suas relações cromáticas que se estabelecem entre unidades edificadas e seu entorno. Para tanto, foi elaborado um mapa contendo as cores existentes no local, por meio de um levantamento *in loco* com a utilização de aparelho portátil para leitura de superfície.

Palavras-chave: Cor; identidade cromática; ambiente urbano; leitura cromática.

ABSTRACT

The work reveals the chromatic identity of an urban landscape in the city of Natal-RN, Brazil, as well as showing its chromatic relationships that are established between built units and their surroundings. Therefore, a map was prepared containing the existing non-local cores, by means of an on-site survey with the use of portable equipment for surface reading.

Keywords: Color; chromatic identity; urban landscape; chromatic reading.

1 INTRODUÇÃO

A cor é recebida num determinado ambiente ou espaço e cada espaço possui sua própria configuração, expressão e relações. A percepção cromática de um espaço depende da relação entre ela e o observador. Sendo um dos elementos do espaço, a cor relaciona-se com os vários constituintes deste, dando lugar a um discurso visual que torna o espaço significativo.

Com o objetivo de verificar a identidade cromática presente em edificações de uma determinada área de recorte (área habitacional que circunda uma praça pública da cidade de Natal-RN, localizada no nordeste brasileiro), pretende-se ainda apresentar as relações cromáticas que se estabelecem entre unidades edificadas e seu entorno direto, percebidas por meio da visão serial. A metodologia adotada para a verificação dos dados cromáticos é constituída de um levantamento in loco com a utilização de aparelho portátil para leitura de superfície, por sua vez é vinculado a um sistema de notação cromática denominado Natural Colour System (NCS). O resultado deste artigo é a apresentação de um mapa com as cores existentes no local capaz de identificar a identidade cromática de um ambiente urbano.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE COR

Devido à complexidade do fenômeno cromático e à relação da cor com diversos campos de conhecimento. Para que o fenômeno cromático aconteça é necessário que haja luz (ou seja, só existe cor se houver luz) e um observador (que apreende a cor por meio do seu conjunto olho/cérebro); a cor pode incidir sobre superfícies no espaço ou pode torna-se visível através de um raio luminoso.

A cor é a luz visível em interação com as superfícies, estas permitem ver a cor porque a sua pigmentação define quais raios luminosos que serão absorvidos, transmitidos e refletidos. Todavia, a cor não se resume a um estímulo visual sensível aos olhos. A cor é interpretada e compreendida pelo cérebro através do conhecimento, imaginação e memória.

A cor não é propriedade dos objetos, espaços ou superfícies, é a sensação causada por certas qualidades da luz que o olho reconhece e o cérebro interpreta. (MAHNKE, 1996; SILVA; 2006)

Cada experiência cromática depende da intensidade da luz, da forma como é refletida e das cores da envolvente, mas, apesar de ser o resultado de diferentes comprimentos de onda que estimulam o cérebro, a cor existe apenas mentalmente.

A cor é sempre recebida num determinado ambiente ou espaço e cada espaço possui sua própria configuração, expressão e relações. A percepção cromática de um espaço depende da relação entre ela e o observador. Sendo um dos elementos do espaço, a cor relaciona-se com os vários constituintes deste, dando lugar a um discurso visual que torna o espaço significativo. Numa cidade a percepção cromática desenvolve-se e varia por meio da relação da iluminação, com os materiais e com as pessoas.

Nessa perspectiva da percepção cromática, os aspectos de ordem cultural simbólicos e psicológicos da cor têm poder de alterar substancialmente o que se vê física e fisiologicamente. Em outras palavras, a ação da luz dentro dos olhos pode dar-nos cores, mas não nos dá objetos coloridos, com significado individual e coletivo na vida de um indivíduo. A percepção cromática, portanto, envolve aspectos socioculturais, simbólicos, psicológicos, mentais e racionais ao mesmo tempo.

No domínio da percepção cromática pode associar-se a cor à sinestesia. Há cores que se relacionam com determinados cheiros e sabores, que podem parecer mais pesadas ou leves, criar uma noção temporal. A noção de quente e frio é uma das particularidades da percepção cromática, as matizes cromáticas podem organizar-se segundo questões de percepção de temperatura no seu estado mais saturado. A percepção de peso pode ser utilizada para descrever as modificações de valor através de maior ou menor luminosidade. Todas estas sensações provocadas pela cor são efetivas e desempenham um papel fundamental nos ambientes cromáticos naturais e construídos.

Em termos espaciais, podem atribuir-se às cores características perceptivas de afastamento e proximidade. Enquanto que as cores quentes e luminosas parecem aproximar-se, as cores frias parecem afastar-se.

A inerência e aparência de uma cor é também uma característica importante, sobretudo para que o fenômeno cromático seja claro. A cor inerente é a pertencente aos objetos. Para ela não há tempo nem mutações, existe estagnada no espaço. Com a incidência da luz a cor inerente torna-se aparente. Esta é efêmera e mutável e, existindo no tempo, depende dele para que se realize. Em função da luz existente e do lugar onde está, a cor aparente varia, anunciando a passagem do tempo e determinando a imagem da realidade. Nesta dualidade entre cor inerente e cor aparente é impossível definir-se uma cor que tenha sempre igual percepção.

O geógrafo Yi Fu Tuan (1980) engloba a percepção em um conceito amplo – a topofilia, elo afetivo entre a pessoa e lugar ou ambiente físico – associada às atitudes e valores do meio do meio ambiente. Edward T. Hall (2012) examina o uso que o homem faz espaço enquanto produto cultural específico – conjunto de observações que chama de “proxémia”. Observa que a estruturação do mundo perceptivo não é somente função da cultura, mas igualmente da natureza das relações humanas, da atividade e da afetividade.

Pesquisas específicas sobre o ambiente urbano e direcionadas ao estudo da imagem foram feitas por autores com Kevin Lynch (2010) e Gordon Cullen(1983), cujas teorias orientaram a leitura do ambiente de estudo. Cullen considera três aspectos para a

organização dos elementos da paisagem urbana: a ótica, conceito de visão serial onde “a paisagem urbana surge na maioria das vezes como uma sucessão de surpresas ou revelações súbitas”; o local “diz respeito às nossas reações perante a nossa posição no espaço”; e o conteúdo, a cor, a textura, a escala, o estilo, a natureza, e tudo o que individualiza a cidade. Lynch (2010) aborda a importância do aspecto visual da cidade, introduzindo o conceito de legibilidade, ou seja, a facilidade com a qual as partes podem ser reconhecidas e organizadas numa estrutura coerente. Apresenta os seguintes elementos formadores da imagem urbana como fruto da sobreposição de imagem de muitos indivíduos: vias, limites, bairros, cruzamentos (nós), marcos referenciais. Estudos conduziram à reflexão sobre a importância da aferição da percepção do usuário do bairro em estudo.

3 GEOGRAFIA DA COR

A Geografia da Cor é um conceito relativamente recente na história da cor, embora faça parte dela desde sempre. Foi desenvolvido pelo colorista francês Jean-Philippe Lenclos (1982). A partir do contato com a cultura japonesa, Lenclos tornou-se particularmente sensível às propriedades e subtilizas das cores naturais de cada lugar. Quando regressou a França, o colorista desenvolveu um estudo cromático em várias regiões do país, interessando-se principalmente pela análise das cores próprias de cada lugar. Ele pretendia entender e preservar a identidade cromática das cidades e regiões contra o anonimato dos novos materiais, tendo por isso estudado as tradições cromáticas e desenvolvido uma análise geradora de um código de cores para cada lugar. A atuação de Lenclos em paisagens urbanas contemporâneas extrapola sua metodologia da geografia da cor, estando além das áreas de patrimônio, atingindo a arquitetura industrial, o design gráfico de embalagens, até transportes públicos de Paris e Marseille entre tantos outros, conferindo ao uso da cor um universo de possibilidades.

Em Lenclos destacam-se a sensibilidade, ao considerar todas as questões ligadas ao fenômeno da percepção da cor na paisagem, o vínculo da cor ambiental aos elementos naturais e tradições locais; e a objetividade nos procedimentos de análise dos dados e no poder de sintetizar visualmente os resultados em forma de paletas cromáticas, verdadeiros guias para a escolha de materiais, tintas, elementos vegetais no projeto da arquitetura e da cidade. Tal metodologia será utilizada a seguir.

LOCAL DA PESQUISA

Localizada no bairro de Ponta Negra, em Natal-RN, Brasil, a Praça Henrique Carloni possui uma grande dimensão e importância espacial local. Mesmo reunindo alguns equipamentos como, quadra poliesportiva, brinquedos infantis, aparelhos de ginástica, equipamentos para prática esportiva de patins e skate, a praça não é valorizada pelo poder público (ver Fig. 01 e 02). Os mobiliários estão depredados e/ou péssimas condições, sem revitalização há tempo.

Fig. 01 – Sequência visual da Praça Henrique Carloni



Fig. 02 – Sequência visual da Praça Henrique Carloni



Com grande potencial de ser um espaço capaz de congrega a vizinhança, a praça do disco voador possui o entorno predominantemente residencial. A área comercial da redondeza localiza-se na rua paralela a que circunda a praça. Há presença institucional de uma escola de ensino infantil e fundamental, uma igreja evangélica e um espaço cultural (ver fig. 03).

Fig. 03 – Mapa de Uso e Ocupação do Solo



4 LEITURA CROMÁTICA - MAPEAMENTO

O mapeamento da leitura cromática realizada serve para estabelecer uma relação entre os dados obtidos no levantamento de cor realizado pelo NCS *Color Scan*¹ e a sequência de imagens serial articulada.

Para a realização da leitura de cor dos elementos arquitetônicos foram realizadas visitas a campo para constatar as cores das fachadas dos lotes que circundam a Praça Henrique Carloni (ver figura 04 e 05).

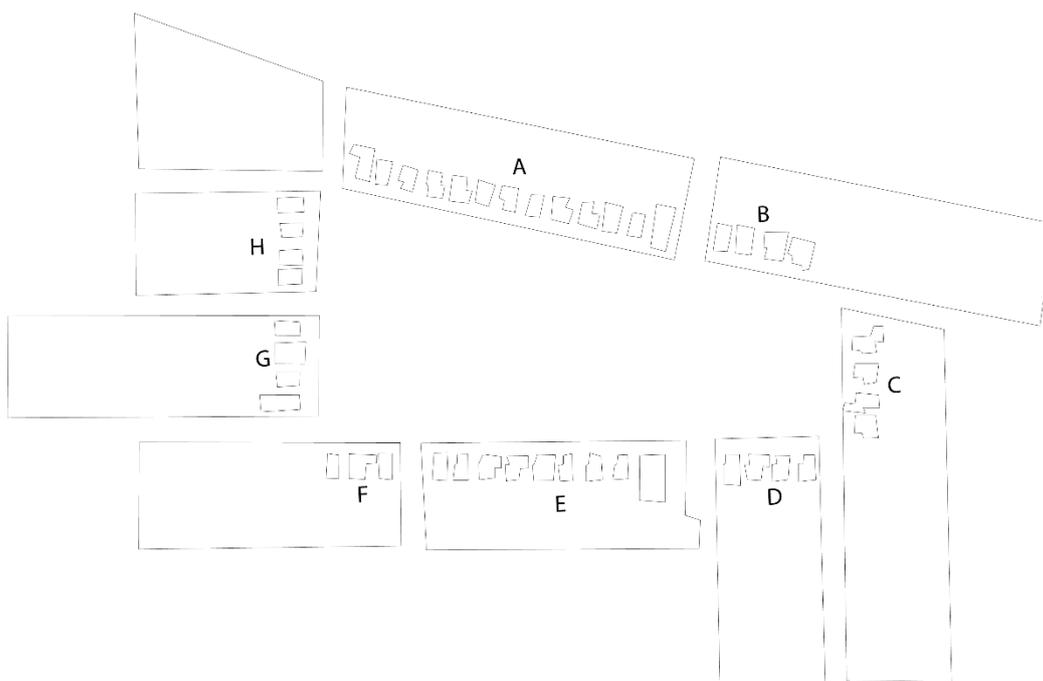
Fig. 04 – Cromatismo das fachadas das ruas que circundam a Praça Henrique Carloni



¹ Natural Color System (NCS) foi desenvolvido pelo instituto Escandinavo da Cor (Skandinavia Färginstitutet AB) de Estocolmo, em 1960. E em 1979 foi lançado oficialmente, sendo um modelo de notação por percepção humana das cores, que tem como objetivos formar uma nomenclatura que seja compreensível e que reconheça uma cor, além de possibilitar a reprodutibilidade da cor valendo-se do próprio sistema.

Devido ao levantamento por leitor cromático necessitar de contato físico com a superfície construída para detectar e indicar a cor, utilizaram-se alguns critérios para seleção das áreas que fariam parte do trabalho. O primeiro critério adotado baseou-se na questão prática do acesso à superfície de leitura, exequível somente nas áreas de fachadas em que fosse possível encostar o aparelho a partir dos muros e portões, que, por muitas vezes, apresentavam a mesma cor da fachada. Quando não se utilizou da ferramenta de fotografias dos elementos e no software da Adobe Photoshop extraiu-se o RGB e no sítio *ideacolor* foi convertido para o NCS mais próximo. Segundo critério foi determinado que mesmo não obtendo uma uniformidade, os revestimentos da superfície naturais (pedra, madeira) e acabamentos industrializados (cerâmica, pastilhas) optou-se por não os excluir, visto que havia um grande número de lotes utilizando-os na superfície.

Fig. 05 – Zoneamento dos lotes que fazem parte do levantamento cromático



O resultado cromático da leitura foi inserido no mapa de loteamento designado a cada lote do mapa a sua respectiva leitura com as nomenclaturas das cores existentes (ver figura 06).

Fig. 06 – Mapeamento dos lotes com as respectivas leituras realizadas

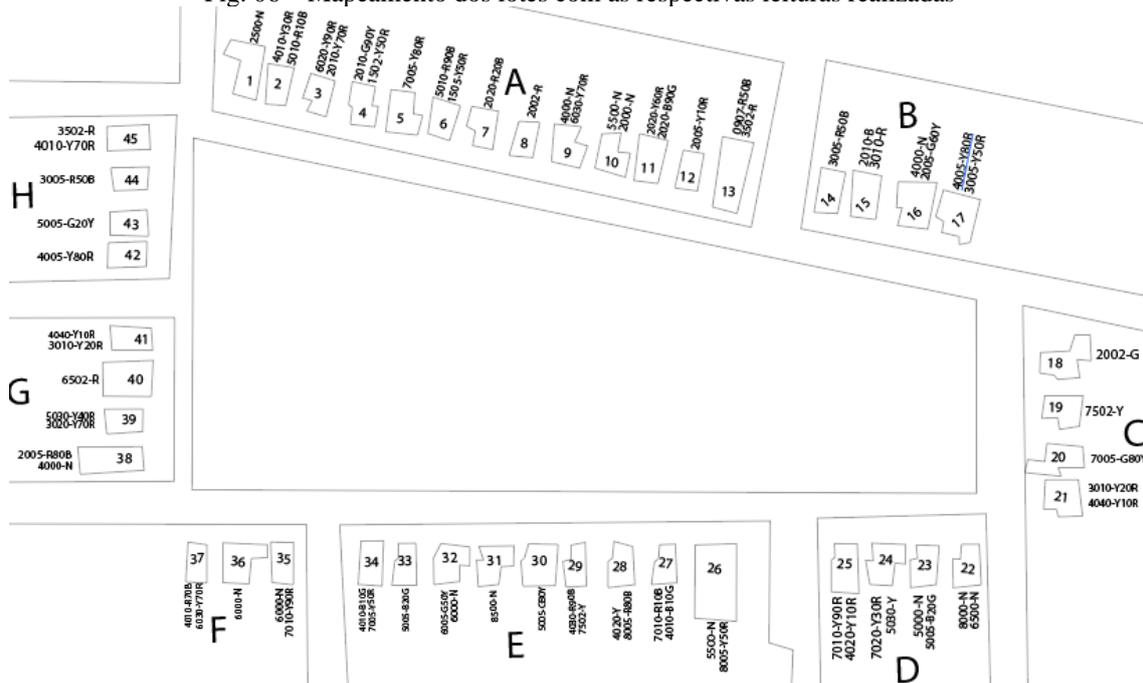
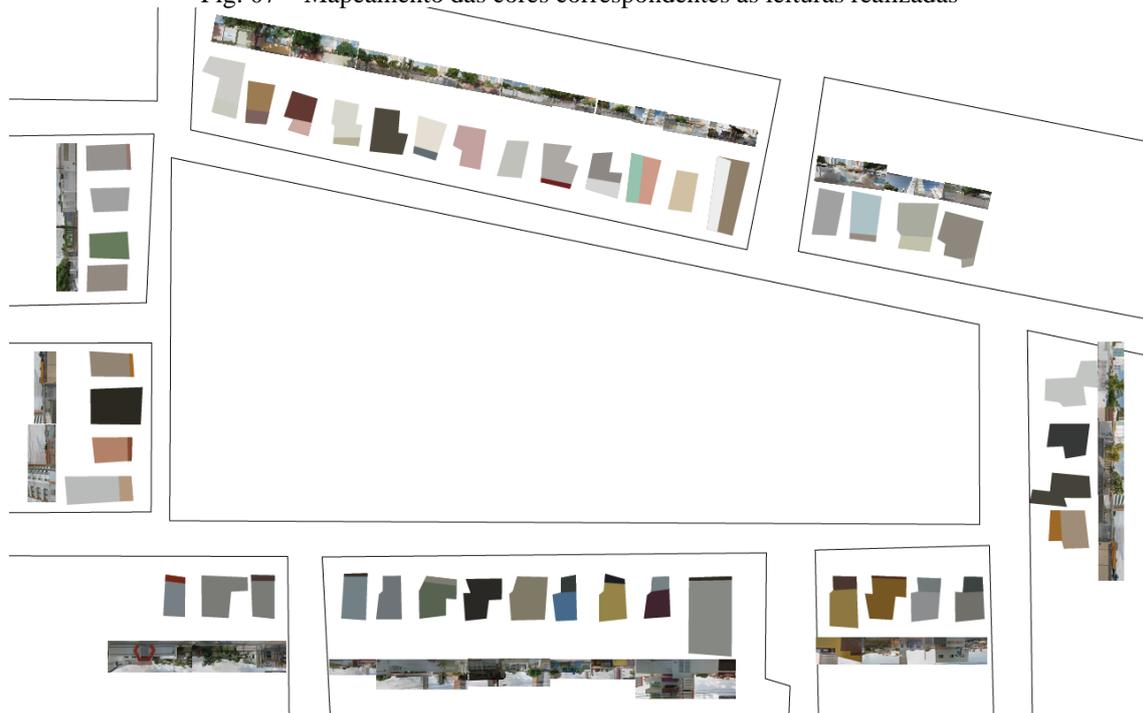


Fig. 07 – Mapeamento das cores correspondentes às leituras realizadas



Somando-se a este mapa foi elaborada uma montagem com as fotos das fachadas das ruas por meio de espelhamento e ainda inserido amostras das cores relativas ao levantamento cromático, no intuito de que a apresentação desse modo permita avaliar, na própria imagem, a representação das cores levantadas por leitor na localização em que aparece na percepção da visão serial, criando então a possibilidade de estabelecer relações entre os dois métodos utilizados (ver figura 07).

5 RESULTADOS

As cores agem para afetar o plano emocional do observador e que sua influência pode variar a percepção de cada indivíduo. A metodologia de Jean Phillippe Lenclos, serviu como um guia para o uso, identificação e caracterização das cores aplicadas às habitações ao redor da Praça Henrique Carloni, na cidade de Natal-RN, Brasil.

O reconhecimento da área de pesquisa, aliado aos estudos teóricos realizados evidenciaram a luz-cor como elemento universal no processo de formação da imagem, fundamento para qualquer intervenção visual na cidade. Foram estabelecidas as seguintes diretrizes para projetos cromático, a saber:

- * Entender e avaliar as características do ambiente;
- * Considerar o como ambiente urbano inserido na cidade e as escalas de aproximação para a rua, as habitações e seus detalhes;
- * Verificar o aspecto da mutabilidade das cores na paisagem: a sequência de estações do ano, os ciclos de envelhecimento e renovação dos materiais, a progressão da vegetação, as variações de claridade;
- * Observar a composição dos materiais de construção e elementos da paisagem, sua textura, o poder de absorção e reflexão da luz;
- * Adotar sistemas de classificação de cor para poder estabelecer bases universais de referência.

A maioria das cores escolhidas para as fachadas das casas da área de estudo, são, em sua maioria voltadas para tons acinzentados, castanhos claros e rosas, o que expressa uma harmonia com as cores da paisagem urbana da praça (elementos como a terra, calçadas, paralelepípedos, piso da praça, etc). Havendo apenas alguns pontos específicos de harmonia de contrastes, como o uso do laranja e azul numa única fachada.

Em uma perspectiva mais contemporânea da questão cromática na percepção da paisagem urbana, verifica-se que deve ser levado em consideração a representação da cor como fator de reconhecimento e identidade de um local vinculada ao processo de requalificação urbana.

No que diz respeito ao estudo de cores da cidade contemporânea, a pesquisa de base histórica não pode ser vista como o único critério para desenvolver um projeto cromático, sendo necessário propor uma abordagem para os projetos de intervenção que resulte em criar novas identidades cromáticas, preservando, contudo, a memória do lugar.

REFERÊNCIAS

- CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. Lisboa: Edições 70; 1983, p.3.
- HALL, Edward T. **A Dimensão Oculta**. Lisboa: Relógio d'Água Ed. Ltda; 2012.
- LENCLOS, Jean Philippe; LENCLOS, Dominique. **Le Couleurs de La France**. Paris: CEP Edition; 1982.
- LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. Lisboa: Edições 70, 2010.
- MAHNKE, Frank H. – **Color, environment, & human response**. New York: John Wiley & Sons, Inc., 1996. 234 p. ISBN 0-471-28667-2.
- PERNÃO, João. Elementos para um novo entendimento da cor como geradora do espaço e do tempo. **ARTiTEXTOS**. Lisboa: Centro de Investigação de Arquitectura Urbanismo e Design, FA-UTL. N°3 (2006) pp.149-178.
- SILVA, Fernando Moreira da Silva. A materialidade da cor. **Artitextos**, 2006.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**. São Paulo: Difel; 1980.